

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A RECEPÇÃO DO FILME “MARIGHELLA” NAS REDES VIRTUAIS: DISPUTAS DE NARRATIVAS SOBRE A DITADURA CIVIL-MILITAR

Ygor Pires Monteiro

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

1) A trajetória de um personagem e de um filme

“Marighella desperta hoje mais amor e ódio”¹. A frase do jornalista Mário Magalhães pode simbolizar como a trajetória de Carlos Marighella é espinhosa. E o verbo pode ser conjugado no tempo presente não apenas por força de linguagem, pois o escritor, político e guerrilheiro não se restringe ao passado brasileiro. Ao longo de sua vida, ele seguiu por rumos conflituosos que o marcaram profundamente. Já na atualidade, seu nome é retomado e envolvido em disputas políticas de um período de polarização e radicalismos, que resgatam contextos históricos por ele vividos.

Carlos Marighella teve um histórico de lutas sociais e sofreu com a perseguição política. Ele se opôs ao governador da Bahia Juracy Magalhães, ao Estado Novo de Getúlio Vargas e à ditadura civil-militar. Filiou-se ao Partido Comunista Brasileiro. Foi preso e torturado pelos órgãos repressivos de Vargas e da ditadura civil-militar. Foi deputado pelo PCB. Foi levado à clandestinidade quando o partido foi declarado ilegal e mandatos foram cassados. Fundou em 1968 a Ação Libertadora Nacional (ALN) para resistir à ditadura pela via armada. E foi morto em novembro de 1969 por agentes da repressão (MAGALHÃES, 2012).

A vida do baiano filho de imigrante italiano e descendente de escravizados foi atravessada pela violência e pelo autoritarismo dos governos Vargas, Dutra e da ditadura civil-militar. Cinquenta anos depois, Marighella volta a passar por uma trajetória delicada, dessa vez não diretamente para viver sua própria história, mas para ter sua

¹ A frase do jornalista Mário Magalhães está presente na entrevista concedida ao site *Vermelho* em 2019 ao se referir às repercussões de Marighella atualmente. MAGALHÃES, Mário. “Marighella desperta hoje mais amor e ódio”. Entrevista. In: **Vermelho**. Disponível: <https://vermelho.org.br/2019/02/12/mario-magalhaes-marighella-desperta-hoje-mais-amor-e-odio/>. Publicado em: 12 fev 2019. Acesso: 26 jul. 2021.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

história contada. O filme “Marighella”, dirigido por Wagner Moura e inspirado na biografia “Marighella - O guerrilheiro que incendiou o mundo, escrita por Mário Magalhães, foi finalizado 2019, mas ainda não foi lançado oficialmente até o segundo semestre de 2021².

Por mais que existam outros projetos que tenham passado por problemas de exibição, este filme em especial vem passando por acontecimentos que o colocam no centro de discussões sobre o país sob o governo Bolsonaro e sobre as leituras construídas para a ditadura civil-militar. Rastrear sucintamente o percurso inconcluso de “Marighella” é uma operação importante para compreender criticamente como a obra desperta narrativas que podem ultrapassá-la³, ao trazer à tona debates, por exemplo, nas redes virtuais e reconstruções contemporâneas da memória do passado autoritário.

Ao longo de nove anos entre 2003 e 2012, Mário Magalhães se dedicou à escrita da biografia de Marighella. No fim de 2012, o trabalho do escritor foi finalizado e o livro foi publicado. Nos anos subsequentes e por intermédio de Maria Marighella (neta de Carlos Marighella), as conversas entre Mário Magalhães e Wagner Moura começaram a ocorrer no sentido de levar para os cinemas a adaptação da biografia. A partir do entendimento das duas partes, as filmagens foram realizadas entre 2017 e 2018, sendo definitivamente concluídas no início de 2019.

Após a conclusão das filmagens, a produtora *02 Filmes* e a distribuidora *Paris Filmes* exibiram o filme em festivais internacionais. Começando por Berlim, seguiu para Goa na Índia, Bari na Itália, Seattle e Nova York nos EUA, Santiago no Chile, Havana em Cuba, entre outros. Durante as coletivas de imprensa, Wagner Moura questionava o fato de o

² Como este artigo foi escrito no final de julho de 2021, o filme ainda não havia tido lançamento oficial. De acordo com as últimas atualizações nessa época, a previsão de lançamento seria novembro de 2021.

³ As informações até o presente momento sobre a trajetória do filme a serem apresentadas foram obtidas a partir dessas reportagens: “‘Marighella’, na zona cinzenta entre cortes, problemas na Ancine e censura sob Bolsonaro”. In: El País. Disponível:

https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/12/cultura/1568322222_654952.html Publicado em: 15 set. 2019. Acesso: 26 jul. 2021; “Vazamento de ‘Marighella’, de Wagner Moura, não altera lançamento do filme”.

In: Estado de Minas Cultura. Disponível:

https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2021/05/11/interna_cultura,1265416/vazamento-de-marighella-de-wagner-moura-nao-altera-lancamento-do-filme.shtml Publicado em: 11 mai. 2021. Acesso: 26 jul. 2021. E também a partir do vídeo “Marighella e Resistência - com Maria Marighella e Mário Magalhães”.

In: Instituto Edésio Passos. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=X0oAzF5cKc0>. Publicado em: mar. 2021. Acesso: 26 jul. 2021.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

filme ter sido exibido primeiramente fora do Brasil em 2019 e mencionava o receio da distribuidora de lançá-lo no cenário político polarizado e conservador desde as eleições de 2018 (algo negado pela *Paris Filmes*).

Quando se definiu o 20 de novembro de 2019 para a estreia, outros problemas surgiram. Dois pedidos de antecipação da verba para a distribuição foram negados pela Agência Nacional do Cinema (Ancine), por conta de pendências da *O2 Filmes* na formalização do contrato com o Fundo Setorial do Audiovisual (FSA), que integra o Fundo Nacional de Cultura e se destina para o desenvolvimento da indústria do audiovisual no Brasil. Se as razões apresentadas pela Ancine foram burocráticas, Wagner Moura levantou a possibilidade de o governo Bolsonaro estar interferindo na agência para vetar a verba por conta do tema do filme e da sua própria posição ideológica ser mais próxima das esquerdas políticas.

Devido aos contratempos com a Ancine, a estreia foi adiada para maio de 2020. Porém, um novo e inesperado problema se apresentou: a pandemia do coronavírus. Por conta da crise sanitária mundial, os cinemas foram fechados por um longo período e, quando reabriram, precisaram se adequar às novas condições. Esse cenário fez o lançamento oficial ser adiado novamente para abril de 2021 e, em seguida, para novembro de 2021. Até o presente momento, esta é a data programada para as exibições de “Marighella” nos cinemas brasileiros.

Mesmo sem estreia oficial, a obra já foi assistida no Brasil por algumas pessoas por outros meios. Em meio às celebrações da Semana da Consciência Negra em novembro de 2020, houve sessões especiais em Salvador no Espaço Itaú de Cinema – Glauber Rocha. Em 30 de abril de 2021, o filme entrou no catálogo de alguns serviços de *streaming* nos EUA e foi copiado de maneira ilegal para ser exibido sem autorização no Brasil através de links para *downloads*. Assim, cópias não autorizadas circularam no Brasil no fim de semana dos dias 08 e 09 de maio de 2021.

À medida que “Marighella” percorria essa trajetória, notícias e materiais promocionais eram disponibilizados na internet. Em muitas dessas plataformas, usuários comentavam sobre o conteúdo exposto nas sessões de comentários reservadas a isso. Foram nestes ambientes que discussões tomaram forma, aparecendo posicionamentos contrários ou favoráveis à ideia de se produzir uma obra sobre Marighella e à escolha de Jorge Mário

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

da Silva (Seu Jorge) para interpretar o personagem, e debates acerca da ditadura civil-militar, da luta armada e dos paralelos estabelecidos com o tempo presente no Brasil.

Como exemplo dos debates ocorridos no universo virtual, podemos analisar as caixas de comentários da publicação do cartaz do filme no Facebook do crítico de cinema Filippo Pitanga em 2019⁴ e do vídeo de apresentação do filme no Festival de Berlim publicado no canal no YouTube Cineclube Ação e Reflexão em 2019⁵. Estes comentários ajudam a pensar a recepção de materiais de divulgação de “Marighella”. Para isso, mobilizamos a semiopragmática proposta por Roger Odin (ODIN, 1998) para investigar os modos de leitura construídos pelos espectadores em relação aos conteúdos de divulgação da obra.

2) Análise dos comentários na internet

Quando os historiadores refletem sobre um filme como “Marighella”, é provável que debates sobre a constituição de memórias sobre o passado ditatorial tenham destaque. A historiografia pode se referir às “batalhas de memória” dentro das Forças Armadas e de setores civis liberais e das esquerdas, que conferem significados aos movimentos de resistência e à ditadura (NAPOLITANO, 2015, p.103). E quando se trata da luta armada, algumas pesquisas que comparam as ditaduras na América Latina encontram possibilidades interessantes para os diferentes enquadramentos de memória em cada país, considerando-se as experiências históricas específicas (ARAÚJO, 2015, p.262).

Por outro lado, quando o público não acadêmico se questiona sobre um filme como “Marighella”, é provável que os debates não sejam nos mesmos termos. Por isso, a semiopragmática pode contribuir para analisar como ocorre a recepção, ao colocar o espectador em um papel ativo de formulação de sentidos. Como alerta Roger Odin, a abordagem semiopragmática não pensa que os sentidos de uma obra audiovisual sejam

⁴ Todas as referências a esta publicação podem ser encontradas em "Pôster de Marighella, dirigido por Wagner Moura. O filme terá sua estreia no Festival de Berlim esse mês." In: **Perfil de Filippo Pitanga no Facebook**. Disponível: https://www.facebook.com/photo?fbid=10211147732168975&set=a.10201777199671519&comment_id=10216369394387267¬if_id=1615573779188755¬if_t=comment_mention&ref=notif Publicado: 03 fev. 2019. Acesso: 26 jul. 2021

⁵ Todas as referências a esta publicação podem ser encontradas em: “Marighella de Wagner Moura: Abertura do filme no Festival de Berlim 2019 ao som de #MariellePresente”. In: **Cineclube Ação e Reflexão** Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=PfiNPtDBoCw&ab_channel=CineclubeA%C3%A7%C3%A3oReflex%C3%A3o Publicado: 15 fev. 2019. Acesso: 26 jul. 2021

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

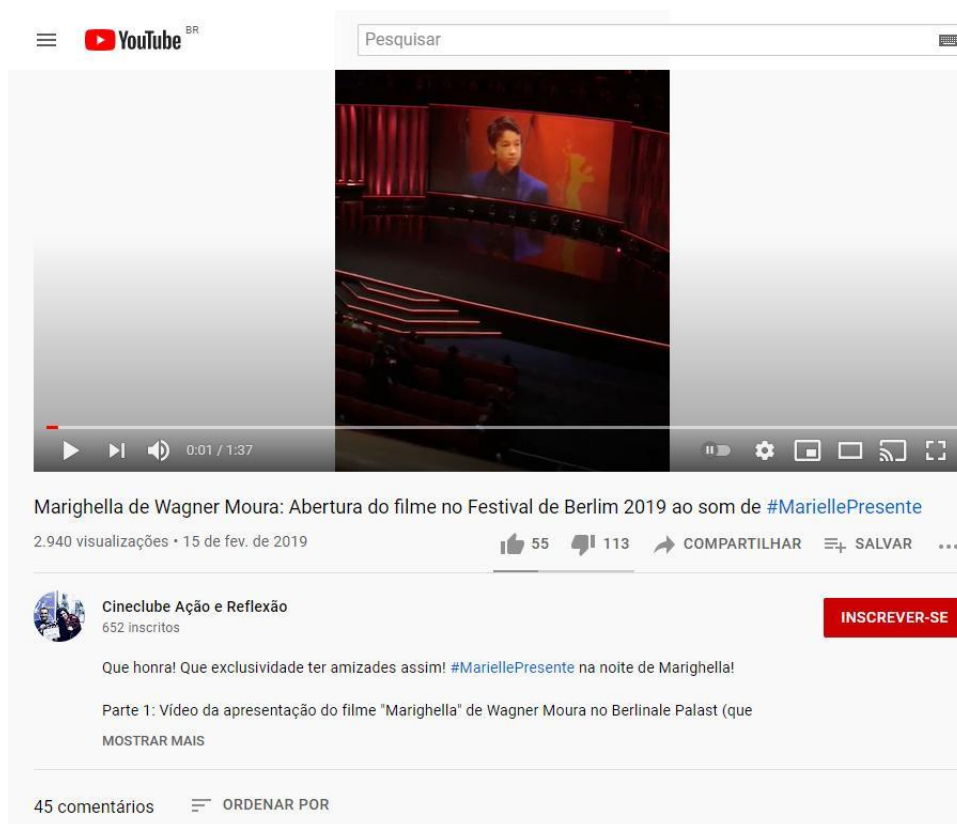
dados apenas pela narrativa em si, pois os espectadores também atuam nesse processo de significação, sendo assim importante compreender como os espectadores compreendem essas produções (ODIN, 1998, p. 132).

Precisamos, então, considerar que estes modos de ver são criados em sintonia com o ambiente onde acontecem. No caso, as redes virtuais possuem mecanismos de linguagem e elaboração de sentidos que interferem na interpretação de materiais audiovisuais. Embora as reflexões de Roger Odin e Francesco Casetti se direcionem para as transformações na televisão, é possível que o novo lugar assumido pelos telespectadores com a neotelevisão tenha paralelos com os usuários da internet: em ambos, há maior interatividade, confronto de opiniões nem sempre embasadas e informalidade na manifestação das diferentes vozes (ODIN; CASETTI, 2012, p.10-11).

As particularidades das plataformas digitais se evidenciam em alguns elementos não textuais que informam sobre o alcance e as apropriações dos conteúdos, mais precisamente o número de visualizações e as interações dentro de cada publicação. Tanto a apresentação do cartaz do filme no Facebook quanto sua apresentação em Berlim no YouTube geram grande interesse, como se pode observar no número de visualizações e compartilhamentos (respectivamente, 1,7 mil compartilhamentos e 2940 visualizações), e no número de comentários (respectivamente, 399 e 45).



ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



Entretanto, nem sempre esse interesse se reflete na apreciação do filme e de seus materiais de divulgação. Um dos elementos que indica posições favoráveis ou contrárias são as métricas denominadas como *likes* (“curtidas”) e *dislikes* (“descurtidas”), que podem ser atribuídas à publicação ou a comentários dos usuários. Na publicação do Facebook, o número de “curtidas” ou de “amei” é considerável (584 e 346), porém as reações negativas também são numerosas (o “haha” em tom ironicamente agressivo tem 394 e o “angry” como “descurtida” tem 13); já na publicação no YouTube, o número de “descurtidas” é maior do que de “curtidas” (113 a 55). Já em relação aos comentários, a publicação no Facebook possui um número maior de reações positivas para os comentários que atacam o filme de alguma maneira, enquanto a publicação no YouTube apresenta reações mais positivas para comentários favoráveis ao filme.

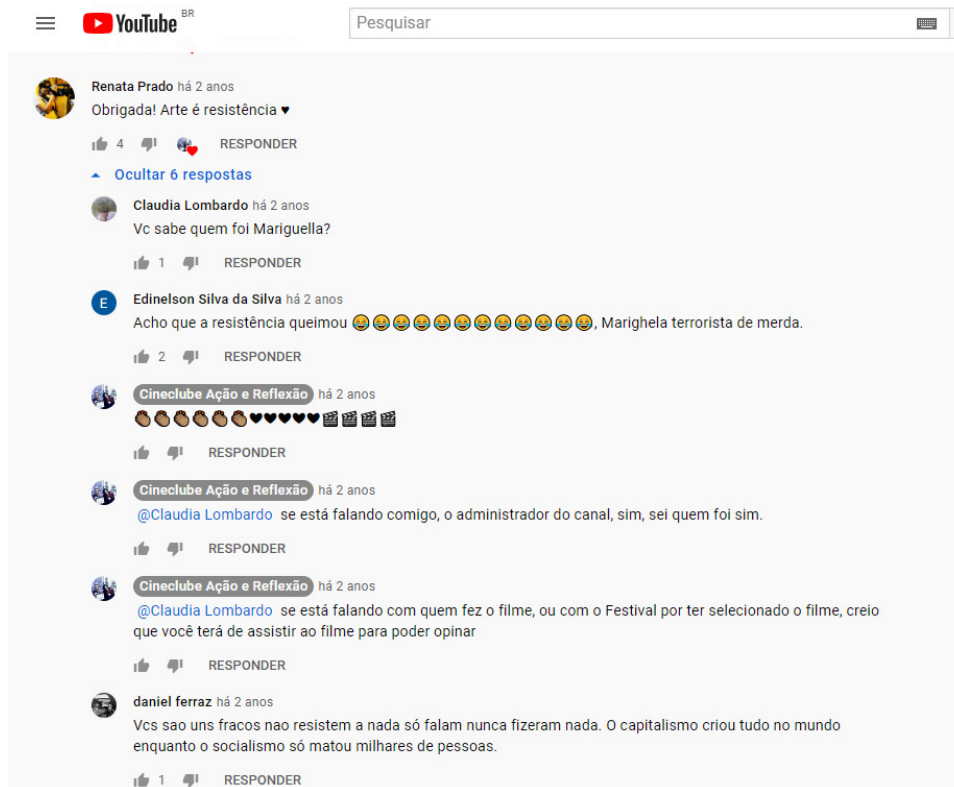
E dentro das caixas de comentários, também é possível verificar que as leituras sobre o cartaz ou a apresentação de “Marighella” em Berlim são elaboradas a partir de outros mecanismos de expressão típicos do universo virtual. São eles: o uso de símbolos próprios da internet, como *emojicons* e *hashtags*, as discussões entre os próprios usuários e a introdução de imagens ou *links* não originalmente pertencentes à publicação. É assim, por

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

exemplo, que a disponibilização do cartaz do filme recebeu comentários negativos, como símbolo de fezes, a inclusão da imagem da capa do livro “Minimanual do guerrilheiro urbano” (escrito por Marighella) para atacar o personagem chamando-o de terrorista; e a disponibilização do vídeo do filme em Berlim contou com uma discussão iniciada após o comentário de que a arte seria resistência e a inclusão *emoticons* “chorando de rir” para ofender a resistência à ditadura e Marighella.



ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



Analisar elementos não textuais, como os citados anteriormente, demanda um esforço dos historiadores para compreender outros tipos de linguagem. Nas duas publicações, podemos perceber que as leituras sobre Carlos Marighella se apresentam em um formato hipertextual (LUCCHESI, 2013, p. 14-15), que entrelaça discursos escritos, imagens, símbolos, dados numéricos e códigos próprios do mundo virtual em uma rede dinâmica. Assim, diferentes narrativas se formam sobre a ditadura civil-militar, a luta armada e o líder da ALN combinando ideias políticas e ferramentas de apresentação digital. Em algumas delas, as lutas contra o autoritarismo são valorizadas, em outras ataques à luta armada e ao comunismo consideram Marighella um simples terrorista violento.

Além de estarmos atentos aos códigos específicos das narrativas criadas na internet, precisamos levar em consideração como os filmes de temática histórica são encarados pelos espectadores. Estas produções podem ser associadas ao que Roger Odin e Francesco Casetti conceituam como uma instituição, sendo “uma estrutura que rege, dentro de seu próprio espaço, a utilização de tal(is) ou qual(is) contrato(s) de comunicação.” (ODIN, CASSETTI, 2012, p.9). Nesta definição, os filmes de temática histórica podem propor um contrato de comunicação, sendo este entendido como um “processo pelo qual os

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

espectadores são convidados a efetuar um conjunto estruturado de operações de produção de sentido e afeto.” (CASETTI; ODIN, 2012, p.9).

De modo geral, os filmes ficcionais contemporâneos de temática histórica não assumem pretensões totalizantes de reconstrução exata do passado. Há mais diretamente a proposta de oferecer uma visão particular de eventos e períodos históricos, geralmente associada à experiência emocional de mergulhar em outra época sob o ponto de vista de outros personagens. No entanto, o caso de “Marighella” revela como muitos espectadores esperam que o audiovisual forneça uma verdade histórica, objetiva e precisa sobre o passado (sobretudo uma “verdade” já previamente estabelecida que espera ver representada). E essa postura pode ser observada nos comentários positivos e negativos das duas publicações.

As pessoas que reagiram positivamente ao cartaz e ao vídeo argumentaram, sem ainda ter assistido ao filme (no máximo, pelo trailer e por notícias), que “Marighella” estreia em um contexto importante para a sociedade brasileira repensar sua história e rever as figuras que considera importantes (em referência ao presidente Jair Messias Bolsonaro). Nesse sentido, a obra é alçada a uma posição de destaque para demonstrar quais lutas importam e como a história do país deveria ser entendida. Nesse caso, a objetividade histórica seria criar uma narrativa necessária de ser partilhada para toda a sociedade e não uma leitura subjetiva proposta pelo diretor Wagner Moura.

Já entre as pessoas que reagiram negativamente, é possível notar um posicionamento intolerante à existência de um filme cujo protagonista é um guerrilheiro. Simplesmente contar parte da história de Marighella nos cinemas é considerado sinônimo de exaltar sua figura, justificar seus atos e torná-lo um herói. Além disso, ocorre também uma ligação imediata entre Wagner Moura (artista vinculado ao espectro político das esquerdas) e Marighella, desconsiderando que o realizador pode apontar as ambiguidades de seu protagonista e não ser apenas um propagandista dele. Nesse caso, a objetividade histórica seria criar uma imagem “verdadeira” da história sob a roupagem de um revisionismo grave que justifica a ditadura civil-militar.

Essa expectativa exagerada por uma representação objetiva do passado pode ser examinada tendo em mente outras abordagens semiopragmáticas possíveis. Roger Odin explica como determinados filmes podem propor uma leitura documentarizante ao sugerir

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

a impressão de que o enunciador pode ser real e não construído subjetivamente (ODIN, 2012, p. 18). O efeito de real pode ser resultante dos elementos cênicos, do poder do discurso de uma autoridade em cena, da presença do cinegrafista no local dos acontecimentos filmados, do acesso quase psicanalítico à personalidade do realizador ou ainda de outros mecanismos narrativos e estéticos. Apropriando-se dessa reflexão, podemos supor que “Marighella” tenha esse efeito por conta da construção de um contexto histórico com eventos que, de fato, aconteceram.

Seria insuficiente falar em modos de ver se não se fosse contemplada a historicidade da semiopragmática, sendo ela o produto de construções sócio-históricas que influem na constituição das instituições e dos contratos de comunicação (ODIN, 1998, p. 144). No cenário no qual “Marighella” está situado, as formas de compreensão e significação da história estão atravessadas por um componente emocional mais intenso que pode encontrar paralelo no contexto político do país desde a polarização das eleições de 2018. Sendo assim, a mobilização das emoções é um aspecto chave para analisar os comentários em questão.

Por um lado, essa emoção aparece como apreciação estética do cartaz, especialmente a força do olhar de Jorge Mário da Silva; ou como percepção de que a arte é política e pode resistir aos períodos em que a cultura sofre com as arbitrariedades de governantes (novamente em referência ao presidente Jair Bolsonaro). Por outro, se manifesta nas ofensas explícitas a Marighella e a quem pondera sobre a pertinência de um filme sobre ele (xingamentos diretos e palavras de baixo calão), na apologia à violência em comentários que vibram com a expectativa de o final do filme ser a morte do protagonista (inclusive, inserindo imagens do corpo após a execução pelos militares) e nas críticas estereotipadas ao cinema brasileiro como se contasse apenas histórias sobre criminosos.

A semiopragmática também nos possibilita pensar que as chaves de leitura propostas pelo audiovisual não necessariamente coincidem com os modos de ver construídos pelo público. Dessa diferença, surgem interpretações sobre o passado ditatorial que associam os poucos conteúdos já divulgados sobre “Marighella” à necessidade de se estudar história para não repetir no presente a violência e o autoritarismo da ditadura civil-militar. Em alguns comentários, os usuários parecem sugerir que o filme teria a força suficiente

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

para integrar um processo de educação histórica contra a relativização da violação dos direitos humanos e da suspensão dos direitos individuais.

Em contrapartida, o contraste mais significativo aparece nos comentários que fazem uma leitura conservadora e/ou reacionária do passado. Podemos dividi-la em duas dimensões: a desvalorização de Marighella e das esquerdas em geral através de ideias recorrentes de que a luta armada seria terrorismo e de que o comunismo instalaria uma verdadeira ditadura se triunfasse; e a tese do papel redentor das Forças Armadas de proteger a sociedade da violência dos movimentos guerrilheiros e do projeto político dos comunistas. Cada construção apresenta traços de revisionismo histórico, que se expressam no embranquecimento de Marighella (o questionamento de um ator negro como Jorge Mário da Silva interpretar um personagem que muitos usuários consideram erroneamente ser branco) e no anticomunismo legitimador do golpe e da repressão (os militares supostamente apenas reagiriam às ações violentas das esquerdas).

É interessante também observar que as pessoas que comentaram em ambas as publicações analisam como a realização de um filme como “Marighella” não aborda apenas o período da ditadura civil-militar. Como qualquer produção cinematográfica de temática histórica, o trabalho de Wagner Moura constrói uma representação sobre o passado encenado e informa sobre o presente no qual o projeto se localiza. Desse modo, muitos comentários positivos relacionam as lutas de Marighella às disputas políticas do país em 2019 ao se referirem a figuras do cenário político: alguns aproximam o líder da ALN ao ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva (“Viva Lula! Viva Marighella!”) e outros vinculam os comentários agressivos aos apoiadores do presidente Jair Bolsonaro (sob a expressão bastante difundida no senso comum de “bolsominion”).

Sob outro viés, as relações entre passado e presente podem assumir conotações autoritárias nos comentários que trazem ataques ao projeto de Wagner Moura. Algumas afirmações ou símbolos remetem à apologia ou a casos de violência ocorridos desde 2018: muitos usuários utilizam vídeos breves (*gifs*) do presidente Jair Bolsonaro fazendo gestos de armas com as mãos, em alusão às falas do governante de eliminar os criminosos e as esquerdas; incluem *emoticons* de mãos no formato de puxar o gatilho de uma arma, em referência à atitude do presidente; e comparam a morte de Marighella a da ex-vereadora

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

pelo PSOL Marielle Franco, assassinada junto com o motorista Anderson Gomes em 2018.

As narrativas existentes nas seções de comentários das publicações no Facebook e no YouTube acionam memórias sobre o passado ditatorial que estão em conflito. Dentro desse cenário, é possível compreender que a trajetória do filme “Marighella”, antes mesmo de sua estreia oficial, já o torna o que Maria Luiza Rodrigues Souza chama de filme-arquivo (entendendo arquivo dentro da proposta de Jacques Derrida) por ser um “material que, por organizar e conter itens do passado, é voltado ao presente e, assim, pode “pôr em questão a chegada do futuro”” (SOUZA, 2008, p. 51). Logo, estamos diante de um filme que pensa alguns eventos da ditadura, relaciona-se com o passado encenado e com o presente vivido, além de participar de disputas de memórias que interferem no futuro a ser construído para a sociedade brasileira.

3) Considerações para o futuro

Longe de pretender esgotar as reflexões sobre a recepção do filme “Marighella”, este artigo buscou lançar questões no sentido de pensar as reverberações do cinema de temática histórica no Brasil fora da crítica cinematográfica especializada e da historiografia. Como vivemos uma conjuntura marcada por grandes avanços tecnológicos e pela forte penetração da internet em nossas vidas e relações sociais, não podemos desconsiderar que o universo virtual abriga também debates sobre o passado e reconstruções de memória. Por isso, nossos desafios prosseguem no futuro envolvendo a necessidade de ficarmos atentos aos novos ambientes e às novas linguagens que participam desses conflitos políticos e da construção de saberes históricos.

Primeiramente, os historiadores interessados nas plataformas digitais devem se esforçar para entender códigos e procedimentos distintos daqueles tão familiares à historiografia. O que se pode chamar de uma história digital opera de formas próprias, construindo memórias, histórias e usos públicos do passado com novas modalidades de escrita que pressupõem uma narrativa hipertextual em rede e desafios de preservação e verificabilidade das fontes e dos arquivos (LUCCHESI, 2013, p. 9-10). Ao longo dessa incursão, é preciso também considerar as particularidades de cada ambiente, afinal nosso

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

artigo exemplifica como o Facebook e o Youtube demonstram as diferenças entre uma rede social e um plataforma de compartilhamento de vídeos.

Dentro desse primeiro ponto, ainda há um cuidado especial que recobre a história digital: a existência no universo virtual de discursos negacionistas, informações falsas, distorções do conhecimento, manifestações de ódios e preconceitos, abusos da verdade e revisionismos tendenciosos (MENESES, 2019, p. 6-7). Logo, a internet não é apenas um campo de novas possibilidades de escrita da história e de acesso a públicos amplos, mas também um ambiente que retrata questões graves da contemporaneidade. Entretanto, ao invés de dispensar esse lugar de difusão de narrativas históricas, os historiadores precisam ocupar tais espaços para lidar com questões do tempo presente.

No caso específico do filme “Marighella”, as questões do tempo presente que precisam ser enfrentadas assumem a forma de uma alegorização. A internet é um espaço no qual narrativas são construídas de maneira figurada e apresentam significados não literais a partir de códigos muito específicos. Nesse sentido, os comentários feitos na publicação do cartaz de “Marighella” e do seu vídeo de apresentação no Festival de Berlim não significam somente o que cada pessoa pensa sobre o filme ou o personagem histórico, pois também expõem concepções sobre democracia, autoritarismo, violência, arte, relações entre Estado e sociedade, entre outros aspectos.

Consequentemente, as abordagens simbólicas que os comentários conferem ao filme fazem com que ele encontre um lugar singular nas discussões contemporâneas, no qual importa menos a narrativa cinematográfica em si e mais o fenômeno coletivo que ele gera (até porque como pontuamos não houve lançamento comercial e oficial até a data desse artigo). Considerando-se o contexto da pandemia do coronavírus e as dificuldades atuais da Ancine (decorrentes da queda de investimentos federais), outras produções também tiveram suas estreias ou incentivos financeiros prejudicados, porém apenas “Marighella” repercutiu de forma tão intensa. Então, tanto sob um viés progressista quanto conservador, o filme dá forma a desejos de um país, que dialogam com uma sociedade influenciada pelas marcas deixadas pela ditadura civil-militar.

É bem verdade que a trajetória do filme vem sendo politizada até nos festivais internacionais. Esses eventos costumam ser ocupados por manifestações políticas (como aconteceu na edição suspensa do Festival de Cannes por ocasião dos protestos de 1968

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

em Paris) e não foi diferente na exibição de “Marighella” em Berlim, onde Wagner Moura levou uma placa com o nome de Marielle Franco para o tapete vermelho⁶. Em uma direção oposta, após a exibição especial em Festival de Berlim, brasileiros detratores do filme deram notas ruins em plataformas de avaliação antes de poderem vê-lo⁷.

À medida que fatos alheios ao filme se acoplam a ele, outra consequência que se pode observar é sua instrumentalização para servir de palco para debates e usos variados, que talvez nem estejam presentes na narrativa cinematográfica. De um lado, “Marighella” parece ser encarado como um evento capaz de levar a sociedade a repensar completamente seu entendimento sobre o passado; por outro, parece ser visto como expressão ideológica de uma versão caricatural das esquerdas contemporâneas. Qualquer que seja a posição, as possibilidades de um debate mais profundo sobre a produção são comprometidas.

Tendo em vista cada um dos apontamentos dessa sessão, não buscamos uma conclusão definitiva por outra razão: estamos trilhando as rotas flexíveis da história do tempo presente. Por mais que discussões historiográficas e quadros teórico-metodológicos sejam coordenadas para se orientar por caminhos desafiadores, o percurso total é dinâmico, se transforma continuamente e cria novos recortes possíveis para a análise do contemporâneo. E com a recepção do filme “Marighella” não poderia ser diferente, pois as narrativas examinadas aqui envolvem o período em que a estreia oficial ainda não ocorreu. Após o lançamento, novas narrativas podem ser produzidas. Assim, um novo contexto pedirá novas análises.

Fontes:

MAGALHÃES, Mário. “Marighella desperta hoje mais amor e ódio”. Entrevista. In: **Vermelho**. Disponível: <https://vermelho.org.br/2019/02/12/mario-magalhaes-marighella-desperta-hoje-mais-amor-e-odio/>. Publicado em: 12 fev 2019. Acesso: 26 jul. 2021.

⁶ Para saber mais sobre o episódio conferir a reportagem disponível em <https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2019/02/15/wagner-moura-lanca-marighella-no-festival-de-berlim-e-posa-com-placa-de-marielle-franco.ghtml> Acesso: 26 jul. 2017.

⁷ Para saber mais sobre o episódio conferir a reportagem disponível em <https://www.omelete.com.br/filmes/marighella-internautas-brasileiros-tentam-derrubar-nota-do-filme-no-imdb> Acesso: 26 jul. 2021

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

“Marighella de Wagner Moura: Abertura do filme no Festival de Berlim 2019 ao som de #MariellePresente”. In: **Cineclube Ação e Reflexão** Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=PfiNPtDBoCw&ab_channel=CineclubeA%C3%A7%C3%A3oReflex%C3%A3o Publicado: 15 fev. 2019. Acesso: 26 jul. 2021.

“Marighella e Resistência - com Maria Marighella e Mário Magalhães”. In: **Instituto Edésio Passos**. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=X0oAzF5cKc0>. Publicado em: mar. 2021. Acesso: 26 jul. 2021.

“‘Marighella’, na zona cinzenta entre cortes, problemas na Ancine e censura sob Bolsonaro”. In: **El País**. Disponível: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/12/cultura/1568322222_654952.html Publicado em: 15 set. 2019. Acesso: 26 jul. 2021

"Marighella | Internautas brasileiros tentam negativar nota do filme no IMDB". In: **Omelete**, 19/02/2019. Disponível: <https://www.omelete.com.br/filmes/marighella-internautas-brasileiros-tentam-derrubar-nota-do-filme-no-imdb> Publicado: 19 fev. 2019 Acesso: 26 jul. 2021.

"Pôster de Marighella, dirigido por Wagner Moura. O filme terá sua estréia no Festival de Berlim esse mês." In: **Perfil de Filippo Pitanga no Facebook**. Disponível: https://www.facebook.com/photo?fbid=10211147732168975&set=a.10201777199671519&comment_id=10216369394387267¬if_id=1615573779188755¬if_t=comment_mention&ref=notif Publicado: 03 fev. 2019. Acesso: 26 jul. 2021.

Vazamento de ‘Marighella’, de Wagner Moura, não altera lançamento do filme”. In: **Estado de Minas Cultura**. Disponível: https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2021/05/11/interna_cultura,1265416/vazamento-de-marighella-de-wagner-moura-nao-altera-lancamento-do-filme.shtml Publicado em: 11 mai. 2021. Acesso: 26 jul. 2021

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

“Wagner Moura lança ‘Marighella’ no Festival de Berlim e posa com a placa de Marielle Franco”. In: **G1 – O portal de notícias da Globo**. Disponível: <https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2019/02/15/wagner-moura-lanca-marighella-no-festival-de-berlim-e-posa-com-placa-de-marielle-franco.ghtml> Publicado: 15 fev. 2019. Acesso: 26 jul. 2021.

Bibliografia:

ARAUJO, Maria Paula. “Memória e debate sobre a luta armada no Brasil e na Argentina”. In: QUADRAT, Samantha Viz; ROLLEMBERG, Denise (orgs.). **História e memória das ditaduras do século XX, v. 2**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

LUCCHESI, A. "História e historiografia digital: diálogos possíveis em uma nova esfera pública". In: **Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo social XXVII**, 2013, Natal. Anais eletrônicos. Natal: ANPUH, 2013.

MAGALHÃES, Mário. *Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo*. RJ: Companhia das Letras, 2012.

MENESES, Sônia. "Negacionismos e Histórias Públicas reacionárias: os usos abusivos do passado em tempos de pós-verdade". **OP SIS**, v. 19, n. 2, 2019.

NAPOLITANO, Marcos. “Os historiadores na “batalha da memória”: resistência e transição democrática no Brasil”. In: QUADRAT, Samantha Viz; ROLLEMBERG, Denise (orgs.). **História e memória das ditaduras do século XX, v. 1**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

ODIN, Roger. “Semiopragmática e História: sobre o interesse do diálogo”. In: *Estudos de cinema*, ano 1, n. 1, 1998.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

_____. “Filme documentário, leitura documentarizante”. In: **Significação**, ano 39, n. 37, 2012

ODIN, Roger; Casetti, Francesco. “Da Paleó à Neotelevisão: abordagem semiopragmática”. In: **Ciberlegenda**, n. 26, 2012.

SOUZA, Maria Luiza R. Cinema e memória da ditadura. In: **Sociedade e Cultura**, Goiás, v.11, 2008.